

Traições em família: as texturas do parentesco¹

Camila Pierobon²

Resumo: Em diálogo com os trabalhos de Veena Das sobre parentesco, traições e morte em família, descrevo, neste texto, as histórias de traições familiares de Leonor, a inscrição dessas traições no cotidiano e nas texturas de sua relação com os parentes e comigo. Apresento como a dor da morte de um filho, os conflitos entre irmãos, bem como as formas de refazer a si mesma ao reabitar e renarrar os acontecimentos estão embebidos nos relacionamentos presentes. O texto apresenta as traições em família, o conflito entre irmãos e a morte de um filho não como eventos espetaculares, mas como fios que tecem as tramas da vida. Mostro como o trabalho do tempo é importante para a reconstrução da vida e também para o compartilhamento de experiências de dor.

Palavras-chave: Veena Das; Parentesco; Traições; Vida cotidiana

FAMILY BETRAYALS: THE TEXTURES OF KINSHIP

¹ Publicado originalmente em inglês, com tradução de David Rodgers, em *Sociologia & Antropologia*, v. 11 n. 3, Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais PPGSA Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, setembro-dezembro, pp. 869-890, 2021.

² Pós-doutoranda no Behner Stiefel Center for Brazilian Studies, San Diego State University. Doutora em Ciências Sociais (PPCIS) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: cpierobon@sdsu.edu, OrcID: <<https://orcid.org/0000-0001-7590-0773>>.

Abstract: In dialogue with Veena Das's works on kinship, family betrayals and death, in this text I describe the histories of family betrayals of Leonor, highlighting the inscription of these betrayals in everyday life and in the textures of her relationships to kin and to me. I show how the pain of the death of a son, the conflicts between siblings, as well as the forms of remaking herself by reinhabiting and renarrating the events, are embedded in the relationships of the present. The text presents the family betrayals, the conflict between siblings and the death of a son not as spectacular events but as threads in the weave of life. I show how the work of time is important to the reconstruction of life and also to the sharing of experiences of pain.

Keywords: Veena Das; Kinship; Betrayals; Everyday Life.

A hospitalização

*Os relacionamentos requerem uma repetida
atenção ao mais ordinário dos objetos e eventos*

Veena Das

Começo minhas reflexões com um telefonema que recebi de Leonor em meados de 2017. Na conversa, Leonor me narrou o “momento crítico³” pelo qual passava: dona Carmem, sua mãe, estava internada

³ Inspiradas na discussão sobre cotidiano de Veena Das e nos momentos aparentemente pequenos, mas que disturbam a vida das famílias, Clara Han apresenta em seu livro diversos “momentos críticos” que seus interlocutores precisam enfrentar na vida diária. Em diálogo com a ideia de “eventos críticos” desenvolvido por Das (1995), Han analisa situações difíceis que envolvem familiares, vizinhos e amigos, alterando a escala dos acontecimentos que importam ser estudados. Sua escolha por tais “momentos críticos” nos mostra a força do minúsculo, daquilo que é quase imperceptível, mas que pode ser devastador. Para este texto, escolho alguns “momentos críticos” vividos por Leonor e mostro como esses momentos podem carregar “a vida como um todo” (Das, 2018). HAN, Clara. *Life in debt: times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of California Press, 2012; DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Oxford: Oxford University Press, 1995; *Idem*, DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537–549, 2018.

havia dois dias na emergência de um hospital público, na cidade do Rio de Janeiro. O diagnóstico, pneumonia. No momento em que conversávamos, ela havia passado mais de trinta horas em pé, ao lado da mãe, alternando com poucas horas sentada no salão de visitas do hospital. Com 84 anos, cega, sem dentes, parcialmente surda, com Alzheimer avançado, tumor nos rins e dificuldades de locomoção, dona Carmem necessitava de cuidado diário e ininterrupto, e sua filha o exercia com a maior dedicação.⁴ Em 2017, completava quatro anos que Leonor trouxera sua mãe para morar consigo na ocupação popular onde vivia, tornando-se a única responsável pelos “atos de cuidado”⁵ que garantiam a vida de dona Carmem. Em sua percepção, seus irmãos haviam *abandonado* a mãe e achavam *cômodo* que ela própria exercesse *sozinha* essa função. Quando dona Carmem manifestou tosse e febre, Leonor enviou mensagens de celular aos seus irmãos, avisando-os sobre o estado de saúde da mãe. A mim, Leonor se queixou de não receber resposta. A ausência de resposta dos irmãos e a piora nas condições de saúde de dona Carmem fizeram com que Leonor decidisse levar a mãe ao hospital sem comunicá-los sobre a internação.

A decisão de não avisar os irmãos teve consequências para Leonor. Com uma enfermeira para trinta pacientes, era óbvio, para a filha, que dona Carmem não receberia os cuidados necessários para a recuperação e precisaria de um acompanhante em tempo integral. Mas a emergência não dispunha de espaço para acompanhantes. Por isso, não havia cadeiras, camas ou qualquer outro objeto que facilitasse essa presença. Com sessenta anos e diversos problemas de saúde, Leonor estava *exausta* e me dizia sentir que nunca mais se recuperaria das noites que ela passou em pé e gelada no hospital. Diante dessa situação, Leonor vivia um dilema moral que estava embebido em sua “ética do cuidado”.⁶ Ela desejava a presença de seu irmão mais novo, Cleber, para dividir o

⁴ PIEROBON, Camila. O duplo fazer dos corpos: envelhecimento, adoecimento e cuidado na vida cotidiana de uma família, *Cadernos Pagu*, v. 64, e226401, 2022.

⁵ KLEINMAN, Arthur. Care: in search of a health agenda, *The Lancet*, v. 386, pp. 240-241, 2015.

⁶ LAUGIER, Sandra. The ethics of care as a politics of the ordinary, *New Literary History*, v. 46, pp. 217-240, 2015.

cuidado com a mãe e para que ela pudesse descansar; mas recusava essa mesma presença, visto que, na vida cotidiana, o espectro do irmão lhe provocava mal-estar. Cleber, entretanto, foi avisado da internação e se dirigiu ao hospital. Silvio, filho e vizinho de Leonor, ligou para o tio e passou-lhe as informações. O leitor pode se perguntar onde estava Silvio no momento em que sua mãe e avó precisavam de socorro. Leonor e Silvio haviam brigado e havia dias estavam sem se falar. Leonor ameaçou fazer um boletim de ocorrência contra o filho, pois este havia castigado sua pequena filha e neta de Leonor, deixando hematomas em sua perna. Silvio não ofereceu ajuda à mãe, e a mãe fez questão de não pedir ajuda ao filho.

Mas Leonor *não aguentava mais*. No encontro com Cleber, ela o convenceu de que ele deveria substituí-la naquela noite, permanecendo no hospital e cuidando de dona Carmem. Leonor deixou o hospital perto das dez horas da noite. Chovia torrencialmente. Os postes de luz haviam se apagado, os ônibus não passavam. Sem dinheiro para um táxi, Leonor caminhou vinte minutos até o prédio onde mora e subiu os três andares que levam à sua casa. Ela começou a ter fortes dores de barriga. Do vaso sanitário, ela foi para o chuveiro e deixou que a água quente caísse em seu corpo. Leonor tinha outros dois irmãos que moravam em cidades distantes. Enquanto ela tentava tomar seu banho, estes ligavam incessantemente para terem notícias da mãe. No intervalo entre uma ligação e outra, Leonor recebia mensagens no celular que a acusavam de não querer atendê-los propositalmente. Leonor me narrou que, ao atender o telefonema de seu irmão mais velho, ela lhe disse as seguintes palavras:

Você não tem humanidade? Eu passei uma noite inteira em pé e eu tenho sessenta anos. Eu passei o dia e a noite com dor na coluna e quebrando o pescoço. Você sabe o que é dormir quebrando o pescoço? Eu só quero tomar um banho em paz, será que nem isso eu posso? Eu mereço ficar embaixo de um chuveiro.

Após o desabafo, Leonor e o irmão conversaram, e ela se deitou, mas as câimbras nas pernas não a deixavam dormir. No momento em que ela pegava no sono, seu filho mais novo, Vitor, chegou do trabalho, no ponto de venda de drogas, acendeu a luz da casa de um só cômodo e preparou algo para comer. *Inconformada com o "luzão" acesso na cara*, Leonor perguntou

ao filho se ele não sentia *dó da sua mãe*, visto que ela havia passado *dois dias em pé no hospital*. Mas ele permaneceu em silêncio, terminou de preparar sua refeição e então apagou a luz. Para encerrar a história do que havia acontecido, Leonor me disse *saber* que seu filho não *tinha dó* dela, que *ele também não tinha humanidade*. Ela acrescentou que essa *falta de humanidade* era como se uma *bomba* fosse colocada dentro do seu corpo que ia *explodindo e detonando por dentro*. Leonor finalizou, dizendo que era *impossível* que seus irmãos e filhos tivessem *humanidade*, pois sua *árvore genealógica* era *terrível e horrorosa*. Embora ela se esforçasse para mudar essa *linhagem* da sua família, ela *não poderia ficar na ilusão de que bananeira desse maçã*.

...Introdução⁷

Em um primeiro plano, o “momento crítico” vivido por Leonor parece circunscrever as relações de cuidado⁸ que a filha dedica à mãe idosa e doente; a invisibilidade e silenciamento dos esforços feitos pelas mulheres para garantir a continuidade da vida;⁹ as acusações de abandono feita aos outros membros da família;¹⁰ ou ainda, as dificuldades de se

⁷ Me faltam palavras para agradecer ao convite feito por Adriana Vianna e Letícia Ferreira para compor este Dossiê. A alegria de poder homenagear Veena Das, hoje a minha principal referência teórico-metodológica, se somou à possibilidade de viver a pandemia em diálogo direto com elas e também com Cynthia Sarti. As conversas sobre o trabalho de Das, as leituras e críticas que elas fizeram do texto me ajudaram a tornar esses anos pandêmicos menos difíceis. Agradeço a leitura atenta e os comentários precisos de Paula Lacerda e Marcella Araujo, fundamentais para a finalização deste trabalho. Por fim, agradeço à FAPESP pela bolsa concedida (processo: 2018/15928-2) sem a qual este texto não teria sido possível

⁸ WOODWARD, Kethleen. A public secret: assisted living, caregivers, globalization, *International Journal of Ageing and Later Life*, v. 7, n. 2, pp. 17-51, 2012.

⁹ BLANC, Nathalie; LAUGIER, Sandra; MOLINIER, Pascale. O preço do invisível: As mulheres na pandemia, *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social (Sessão: Reflexões na Pandemia)*, pp. 1-13, 2020; LAUGIER, Sandra. The ethics of care as a politics of the ordinary, *New Literary History*, v. 46, pp. 217- 240, 2015.

¹⁰ FERNANDES, Camila. Figuras da causação: sexualidade feminina, reprodução e acusações no discurso popular e nas políticas de Estado. Tese de doutorado, Programa

exercer o cuidado em meio à precariedade.¹¹ Tratar dessas questões é enfrentar problemas sociais, econômicos e políticos que se repetem na vida cotidiana de milhares de mulheres brasileiras e alhures. As palavras enunciadas por Leonor fizeram com que seu “mundo como um todo”¹² se abrisse nesse gesto. Ainda que essas palavras tenham um caráter elusivo, veremos como sua história de vida estava embebida naquele momento. Estou ciente de que o problema do cuidado está presente na situação descrita. Contudo, faço um desvio dessa questão para me centrar nas “genealogias do parentesco” elaboradas por Leonor e nas “traições” que fizeram com que a “desumanidade” fosse inscrita nos membros de sua família.

Em seu livro *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*, Veena Das afirma que as “relações traídas constituem a estética do parentesco”¹³. Parto dessa colocação para percorrer as histórias de traições familiares que estão emaranhadas ao cotidiano de Leonor e fazem as texturas de sua relação com o mundo. Dito de outra maneira, descreverei como a dor da morte de um filho, os conflitos entre irmãos, bem como as formas de refazer a si mesma ao reabitar e renarrar os acontecimentos estão gravados nos relacionamentos existentes e ultrapassam as relações de família.¹⁴ Seguindo os passos dados por Das, proponho pensar as

PPGAS/Museu Nacional, 2017; BIEHL, João. *Vita: life in a zone of social abandonment*. Berkeley: University of California Press, 2005.

¹¹ FONSECA, Claudia; FIETZ, Helena. Collectives of care in the relations surrounding people with “head troubles”: family community and gender in a working-class neighbourhood of southern Brazil, *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 1, pp. 223-243, 2018; HAN, Clara. On Feelings and Finiteness in Everyday Life. In: CHATTERJI, Roma (Ed.), *Wording the world: Veena Das and scenes of inheritance*, New York: Fordham University Press, 2015a, pp. 191-210; *Idem*, Echoes of a death: violence, endurance, and the experiences of loss. In: DAS, Veena; HAN, Clara. *Living and dying in the contemporary world: a compendium*. Oakland: University of California Press, 2015b, pp. 493-509.

¹² DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018.

¹³ DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b.

¹⁴ Embora no texto eu isole para fins analíticos as questões de família de outros problemas sociais, a construção da desconfiança de Leonor é muito mais complexa do que a apresentada neste texto. Ver PIEROBON, Camila. *Tempos que duram, lutas*

traíções em família, os conflitos entre irmãos e a morte de um filho não como eventos espetaculares, mas como fios que tecem as tramas da vida. Essas traíções são levadas ao cotidiano como experiências nunca esquecidas e se expressam nas mais ordinárias das situações. Entendo que a morte do filho de Leonor habita as relações de família e está embebida em suas escolhas éticas cotidianas.¹⁵

Ao evocar sua árvore genealógica, Leonor transformou uma situação difícil em um “momento crítico”, no sentido definido por Clara Han.¹⁶ Como algo se converte em uma crise? Como certos eventos são levados adiante e para trás no tempo? Em diálogo com as análises de Veena Das sobre os eventos ocorridos na Partição (1947) que invadiam o presente de suas interlocutoras, entendo que as traíções emaranhadas ao momento descrito não se resumem a um acontecimento específico. Ao contrário, o acúmulo de grandes e pequenas decepções vividas ao longo dos anos lentamente constituiu uma “atmosfera que não pode ser expelida para ‘fora’”¹⁷. É uma sensação, um “conhecimento envenenado” o que faz com que certos eventos não se encerrem e possam, subitamente, ressurgir. Com o movimento de trazer sua árvore genealógica para o presente, Leonor nos mostra as múltiplas durações que estão dobradas no agora¹⁸ e inscreve essa situação em uma temporalidade que ultrapassa o tempo de uma vida humana.¹⁹

que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate. Tese de doutorado, PPCIS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

- ¹⁵ DAS, Veena. *Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole*, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018; *Idem, Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b; *Idem, Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020a; *Idem, Ordinary Ethics*. In: FASSIN, Didier (Ed.). *A Companion to Moral Anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, pp. 133-149.
- ¹⁶ HAN, Clara. *Life in debt: times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of California Press, 2012, p. 82.
- ¹⁷ DAS, Veena. *Op. cit.*, 2020b, p. 97.
- ¹⁸ DAS, Veena. *Affliction: health, disease, poverty*. New York: Fordham University Press, 2015a.
- ¹⁹ HAN, Clara. On Feelings and Finiteness in Everyday Life. In: CHATTERJI, Roma (Ed.), *Wording the world: Veena Das and scenes of inheritance*, New York: Fordham University Press, pp. 191-210, 2015a.

Em seus trabalhos, Veena Das nos convida a “descer ao ordinário com as palavras que temos às mãos”.²⁰ Ela nos ensina sobre o valor das palavras, mas também dos silêncios que estão tecidos nos eventos. Ao aceitar o desafio de entrelaçar palavras e silêncios, proponho seguir as conexões feitas por Leonor, nas quais vivos e mortos de diferentes gerações de sua família, espíritos e entidades religiosas estão embebidos no momento crítico que abre o texto. Veremos que Leonor elabora distintas genealogias do parentesco e como essas genealogias dão sentido aos seus processos de vida. Janet Carsten nos afirma para não olharmos para o parentesco apenas de forma sincrônica.²¹ Já Michel Lambek reforça a importância de compreendermos a relação entre irmãos para tratarmos de parentesco.²² Para ambos os autores, as temporalidades das relações de família importam para as análises das relações entre parentes. Acompanhar as genealogias do parentesco, não como algo estático, mas como elaboradas por Leonor, ajuda-nos a desnudar a fragilidade dos acordos familiares e os deslizamentos que fazem com que certos momentos sejam difíceis de suportar.²³

Tempo, aqui, não é trabalhado como abstração, mas como é vivido concretamente por Leonor. O texto também aposta no tempo como qualidade do fazer antropológico. Veena Das nos ensina a ter confiança no “trabalho do tempo” como metodologia etnográfica. Para a autora, a antropologia é uma forma de compartilhamento de mundos, é um caminho para “habitar com” as pessoas em um exercício de “paciência crítica” que consiste em ouvir atentamente o que e como as pessoas escolhem nos narrar sobre suas vidas. O exercício de “habitar a vida

²⁰ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020b, p. 10.

²¹ CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco, *R@U: Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 6, n. 2, pp. 103-118, 2014.

²² LAMBEK, Michel. Kinship as gift and theft: acts of succession in Mayotte and Ancient Israel, *American Ethnologist*, v. 38, n. 1, pp. 2-16, 2011.

²³ DAS, Veena; LEONARD, Lori. Kinship, memory, and time in the lives of HIV/AIDS patients in a North American city. In: CARSTEN, Janet (Ed.). *Ghosts of memories: essays on remembrance and relatedness*, Malden: Blackwell Publishing, 2007.

juntos”²⁴ permite que estejamos embebidos no contínuo e delicado processo de reconstrução de si e das relações. É exatamente o ato de ouvir palavras e silêncios o movimento que nos leva a uma descida ao ordinário para compreender como eventos devastadores ocupam o cotidiano. Com Veena Das, aprendi que etnografia é precisamente sobre capturar os momentos em que as mudanças de humor revelam as texturas da vida diária e a confiança de que pequenos eventos podem se levantar em grandes horrores.²⁵

Neste texto, estabeleço um diálogo com o pensamento de Veena Das, em especial com suas discussões sobre traições, conflito entre irmãos e morte em família. Também escolhi trazer autores com quem Das dialoga ou, ao contrário, autores que dialogam com ela sobre os temas propostos aqui. No processo de ler a obra de Veena Das para escrever este artigo, fui gradualmente incorporando sua forma de ver o mundo, de maneira que o vocabulário de Das passou a ser constitutivo de meus pensamentos e da minha escrita. Isso não significa uma apropriação passiva dos conceitos de Das. Como ela mesma nos ensina, a antropologia não é uma comunidade de compartilhamento de conceitos que, muitas vezes, pode nos cegar do que está diante dos nossos olhos. Antropologia é um engajamento profundo na vida cotidiana, nas formas de se estar junto aos outros e no trabalho de fazer o ordinário aparecer.²⁶

Durante o trabalho de campo, meu dia a dia foi lentamente sendo embebido pela vida de Leonor e pelas palavras de Das. Antes de prosseguir, deixo os leitores com a beleza das palavras escolhidas por Mariana Ferreira para apresentar seu entendimento da palavra “embeber” na obra de Veena Das:

²⁴ DAS, Veena. What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four lectures on ethics: anthropological perspectives*. Chicago: HAU Books, pp. 53-125, 2015a.

²⁵ DAS, Veena; PATHAL, Dev. *Conversation with Veena Das: ordinary and beyond*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SpgzgJdSHeE>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

²⁶ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020a.

embeber envolve um aspecto gradual de absorção através dos poros e é interessante por abranger tanto um aspecto passivo de “estar embebido”, que respeita à questão da atenção, como uma forma de entrega, quanto um caráter reflexivo de “embeber-se”, bem como ainda um caráter ativo de embeber, ou seja, fazer um líquido penetrar e ser absorvido por outra matéria. É delicado, porém também preciso e incisivo, pois outro dos sentidos é “introduzir (-se) abrindo; cravar(-se), enterrar(-se)”. Então parece envolver dois aspectos: a decisão de introduzir-se, penetrar e depois a de ali permanecer, deixando-se afetar por aquela atmosfera. Podemos, portanto, aqui, relacioná-lo com a definição da testemunha de Jeanne-Marie Gagnebin como “aquele que não vai embora”. Embebido, você não tem mais como ir embora, porque você é constituído por essa experiência e não tem como se desprender dela.²⁷

Genealogia da desconfiança

Foi em 2013 que Leonor e eu demos os primeiros passos em direção à amizade que mantemos até hoje. O caminho passou por terrenos pelos quais eu não imaginava andar. Nós já havíamos trocado algumas palavras em anos anteriores. Mas Leonor me via como uma pessoa que de quem ela deveria desconfiar, e eu não tinha a dimensão da potência desse gesto.

Eu comecei a frequentar a ocupação popular onde vive Leonor no ano de 2010. À época, eu trabalhava como assistente de pesquisa de Patrícia Birman e seguia os caminhos trilhados por Adriana Fernandes. Recém-chegada na cidade do Rio de Janeiro, fui aprendendo com elas a andar pelas ruas da Central do Brasil e a olhar para a riqueza de vida que existe nesse bairro historicamente popular. Por elas, fui conhecendo algumas pessoas que moravam nas ocupações da região e, aos poucos, entrava na rede de relações como apoiadora dos movimentos populares por moradia. Eu demorei a perceber como meu vínculo com pessoas classificadas como “militantes” gerava desconfianças e delimitava minha posição. Meu lugar de classe média e universitária ampliava as

²⁷ FERREIRA, Mariana. *Ensaio da Compaixão: sofrimento, engajamento e cuidado nas margens da cidade*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2015, p. 163.

suspeitas que os moradores da ocupação sentiam em relação a mim, decorrentes das experiências pregressas com outros “militantes” como “eu”.²⁸ No entanto, um “evento crítico”²⁹ mudou os rumos dessa história.

No ano de 2013, a ocupação onde vivia Leonor havia acabado de conquistar a regularização fundiária do imóvel após nove anos de luta para esse fim. Em maio do mesmo ano, o prédio foi invadido por membros da facção de tráfico de drogas hegemônica na região. A possibilidade de reviverem experiências de submissões e humilhações e anteverem um cotidiano sob o perigo da morte uniu aqueles cujas relações haviam sido desgastadas na dura batalha que é manter a vida diária em uma ocupação popular.³⁰

A casa de Leonor foi um dos locais em que moradores e militantes se reuniram na tentativa de construir estratégias para retirar o tráfico do local. Conforme ela me narrou, foi a primeira vez que ela abria sua casa para tantos desconhecidos. Finda a primeira reunião, eu aceitei seu convite para um café e ali permaneci. Na conversa nada calorosa, Leonor me disse as seguintes palavras:

Eu não confio em ninguém, eu nasci desconfiada. Mas, também, a merda acontecia dentro da minha casa. Meu pai ia atrás da minha irmã mais velha e dizia que a próxima seria eu. Naquela época, eu dormia com faca embaixo do travesseiro. Depois, minha irmã mais velha teve um caso com meu marido quando eu estava grávida do meu primeiro

²⁸ FERNANDES, Adriana. *Escuta ocupação: uma etnografia*. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

²⁹ DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

³⁰ Sobre o tema, ver BIRMAN, Patrícia; PIEROBON, Camila. Viver sem guerra? Poderes locais e relações de gênero no cotidiano popular, *Revista De Antropologia*, v. 64, n. 2, e186647, 2021; BIRMAN, Patrícia; FERNANDES, Adriana; PIEROBON, Camila. Um emaranhado de casos: tráfico de drogas, estado e precariedade em moradias populares, *Mana*, v. 20, n. 3, pp. 431-460, 2014; PIEROBON, Camila. O duplo fazer dos corpos: envelhecimento, adoecimento e cuidado na vida cotidiana de uma família, *Cadernos Pagu*, v. 64, e226401, 2022, *Idem*, Fazer a água circular: tempo e rotina na batalha pela habitação, *Mana*, v. 27, n. 2, e272203, 2021. *Idem*, Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate. Tese de doutorado, PPCIS/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018; FERNANDES, Adriana. *Escuta ocupação: uma etnografia*. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

filho. Eu não gostava dele, não, mas fazer isso comigo foi sacanagem. Eu tinha 17 anos e ainda tinha sonho de menina. Meu irmão batia na minha mãe. Ele também mandou matar meu filho mais velho, depois que ele recebeu a condenação da ocorrência que fiz contra ele. Meu filho tinha 24 anos quando caiu das pedras do Arpoador. Ele deixou dois filhos. Eu achei o corpo dele vinte dias depois lá, em Niterói, a cabeça estava cheia de camarões. Eu aprendi a desconfiar dentro da minha casa, é por isso que eu não confio em ninguém. O lugar que era para me proteger foi onde eu mais me ferrei. Você pode se esforçar, Camila, mas eu sempre vou esperar você me passar a perna.

As palavras de Leonor me paralisaram, e eu não consegui reagir. Se, dentro da própria família era o lugar onde ela *tinha mais se ferrado*, como eu, uma jovem mulher, à época com 30 anos, poderia lhe assegurar uma relação baseada em confiança? Como alguém proveniente de uma família que protegia os filhos dos conflitos entre parentes poderia absorver aquelas palavras? Naquele momento, recorri aos ensinamentos de Veena Das, quando ela afirma: “não posso alegar conhecer a dor do outro”.³¹ Mesmo que Leonor tenha me mostrado o porquê de sua desconfiança, isso não significa que eu pudesse compreendê-la. Sentada em uma cadeira, na casa de Leonor, eu vivi o sentimento de estar perdida na experiência antropológica.³² Eu fiquei muda e pensando em como ir embora de sua casa. Assim o fiz. Mas as palavras de Leonor me perturbavam, e algo me impulsionava a tentar enfrentar esse universo. De fato, eu não sabia o que me esperava: “Caso eu venha a duvidar das coisas, como a minha relação com meus pais, a fidelidade do nosso amor ou a lealdade dos meus filhos, essas são dúvidas que colocam meu mundo em xeque”.

Um mundo em xeque! A fala de Leonor enlaça o parentesco à sequência de traições familiares que ocorreram em diferentes momentos de sua vida. Como Veena Das nos ensina, certas experiências de dor não se encerram e podem subitamente invadir o presente. Não estamos lidando, aqui, com um evento específico, mas com o acúmulo, a repetição

³¹ DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b, p. 68.

³² *Idem*. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020a, p. 30.

e a sobreposição de acontecimentos que ocorreram em diferentes fases de sua vida. Infância, juventude e vida adulta, as múltiplas durações do passado que estão emaranhadas à situação presente. As ameaças do pai, a deslealdade da irmã, a violência do irmão e a cumplicidade da mãe não carregam o sentimento de ser passado, ao contrário, fazem as texturas de sua relação com o mundo. Mágoas, dores e decepções se acumulam, sobrepõem-se e permanecem no cotidiano ligadas pelo parentesco. Mas as palavras de Leonor não remetem apenas ao passado, elas também projetam o futuro de uma amizade que se iniciava. As traições familiares operaram como uma armadura, dentro da qual ela espera decepções e desapontamentos, para se relacionar com o desconhecido.

Com o passar dos anos, eu entendi que essa fala de Leonor era a face pública das fraturas das relações familiares, aquilo que ela enunciava, mesmo para alguém de quem ela desconfiava. Uma “dor objetivada na forma de um retrato”,³³ uma ferida exposta para também mostrar sua força. Palavras que, mesmo congeladas, guardam os venenos das relações traídas e a potência da dolorosa reconstrução de si. A lógica das traições familiares penetra o pensamento de Leonor e forja sua relação ética com o mundo. A genealogia do parentesco de Leonor está nas texturas das formas com que ela se coloca junto aos outros e se tece nas possibilidades de habitar a vida. Como trabalha Veena Das, as famílias não são meramente uma instituição de vigilância e regulação, nem operam apenas na chave da ambivalência. Família é o lugar onde o mundo pode ser corroído.

No mesmo ano de 2013, ocorreu outra mudança importante na vida de Leonor: ela buscou a mãe para morar consigo. Fazia seis meses que eu frequentava a casa de Leonor, e acompanhei de perto esse processo. Dona Carmem chegou anêmica, com piolhos e muitas dores nas costas. Leonor acusava o irmão de maus-tratos, que incluíam agressões físicas, contra a mãe. Com a chegada de dona Carmem em sua casa, Leonor passou a dedicar sua vida a prolongar a vida da mãe, mas esta é outra

³³ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018, p. 187.

conversa.³⁴ Naquele momento, os primeiros passos para habitar a vida com Leonor haviam sido dados, e eu comecei a entrar no doloroso terreno das traições familiares e nas múltiplas emoções implicadas nesses eventos. Com Leonor e Das, compreendi que a devastação não é algo que vem do exterior, mas ocorre com esses outros tão próximos que nos habitam. Notemos que as traições não levaram ao rompimento com os familiares. Há uma continuidade e manutenção das relações, mesmo com aqueles que a machucaram. Assim, as memórias das traições em família de Leonor podem ser lidas como um testemunho da instabilidade do parentesco,³⁵ e também de sua assiduidade: “Qual a relação entre a gestão e a encenação elaboradas de narrativas que falam de violência, traição e desconfiança dentro das redes de parentesco e a espessa cortina de silêncio apontando para uma presença fugidia?”.³⁶

Com essa pergunta de Veena Das, passo para aquela que é uma das experiências mais difíceis das vividas por Leonor: a morte prematura de seu filho mais velho. Porém, mostro como diferentes narrativas dessa morte foram transmitidas com o desenrolar paulatino da intimidade. Aprendi com Veena Das que a antropologia é uma forma de “cultivar sensibilidades dentro da vida diária”.³⁷ A cada história que eu ouvia, a narrativa congelada se dissipava, e fui percebendo como as traições em família fazem as texturas da vida cotidiana de Leonor. Aos poucos, compreendi que criar relações de confiança em uma vida marcada por desconfianças e decepções me colocava a impossibilidade de ir embora. Para Veena Das, o compromisso ético com as pessoas com quem habitamos a vida é imprescindível, não só para que possamos descer ao ordinário, mas, principalmente, para oferecermos um lar à dor do outro.

³⁴ Ver PIEROBON, Camila. O duplo fazer dos corpos: envelhecimento, adoecimento e cuidado na vida cotidiana de uma família, *Cadernos Pagu*, v. 64, e226401, 2022.

³⁵ DAS, Veena; LEONARD, Lori. Kinship, memory, and time in the lives of HIV/AIDS patients in a North American city. In: CARSTEN, Janet (Ed.). *Ghosts of memories: essays on remembrance and relatedness*. Malden: Blackwell Publishing, 2007.

³⁶ *Idem*. *Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b, p. 119.

³⁷ *Idem*. Ordinary Ethics. In: FASSIN, Didier (Ed.). *A Companion to Moral Anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 133-149, 2012, p. 134.

Irmãos, casas e mortes

Foi assim que começou toda a confusão. Cleber, sua esposa Rosana e seus dois filhos moravam com dona Carmem e seu marido, em uma casa na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Em 1999, o pai de Leonor e Cleber morreu. Para participar dos rituais de luto, Leonor viajou de São Paulo para o Rio de Janeiro. No velório, ela lidou com uma difícil situação: ver chorando, em volta do caixão, dona Carmem, sua irmã Laura e dona Moema, mulher com quem o pai de Leonor constituiu uma segunda família. Leonor me disse não entender como essas três mulheres poderiam chorar juntas por um homem que lhes havia feito tanto mal. No velório, ela marcou sua posição ao se recusar a cumprimentar a *segunda mulher* de seu pai e os filhos do casal que ela classificava como *deles*. Findo o velório, dona Carmem e seus filhos foram para a casa da família. A “casa” era formada por uma casa central e duas casinhas ao fundo. Leonor decidiu não voltar para São Paulo e ficou em uma dessas pequenas casas. Passados os primeiros meses, os filhos de Leonor foram viver com ela.

No entanto, Cleber tinha outros planos para as casinhas ao fundo. Para ele, as casas lhe pertenciam! Cleber passou a cobrar aluguel de Leonor, mas ela não aceitou essa imposição do irmão. No raciocínio de Leonor, as casas eram a *herança* deixada pelo pai. Como esse pai tinha quatro filhos com dona Carmem, era óbvio para ela que as casas pertenciam a todos os filhos do casal. Assim, se Cleber morava em uma das casas, ela entendia que também poderia morar ali. Se os filhos de Cleber moravam sem pagar aluguel, os filhos de Leonor também poderiam morar sem pagar aluguel. No interior desse conflito pela casa, Glauber, o filho mais velho de Leonor, começou a enfrentar os mandos e as ameaças do tio para defender a mãe, afrontando a ordem hierárquica familiar. Esses enfrentamentos se somavam às fofocas espalhadas na vizinhança, aos xingamentos, aos tapas e bofetões e às ameaças entre irmãos, primos e tios que, com o passar do tempo, adquiriam contornos mais violentos. Cleber conhecia pessoas perigosas no bairro, e os vizinhos alertavam Leonor a tomar cuidado com os filhos. Após ser ameaçado por *um policial conhecido por gostar de matar menor*, Vitor, o filho mais novo de Leonor, achou prudente voltar a viver com o pai em São Paulo. Mas houve uma última briga. Nela, Cleber *bateu* em Leonor *até quase a morte*. Leonor fez um boletim de ocorrência contra o irmão e deixou a casa. Ela e seus filhos

receberam ajuda de uma amiga da Igreja Batista e passaram a *viver de favor* na casa dessa amiga.

Havia outro complicador. Quando Leonor foi para o Rio de Janeiro com os filhos, eles precisavam conseguir algum dinheiro. Sem conhecer a cidade, Glauber seguiu os passos dos tios e começou a vender, na praia de Ipanema, os salgados e sanduíches que Leonor preparava em sua casa, na Zona Oeste. Conforme o tempo passava, a disputa pelo território de trabalho aprofundava os conflitos familiares. Certo dia, Glauber saiu cedo para trabalhar, mas quem chegou à noite, na casa de Leonor, foi sua cunhada Rosana. Assim que a viu, Leonor *sentiu* que algo *ruim* havia acontecido com seu filho. Leonor me contou que começou imediatamente a chorar e a gritar com Rosana dizendo: “o que vocês fizeram com meu filho?”. O pressentimento de Leonor atribuía à cunhada e ao irmão a responsabilidade pela queda de Glauber das pedras do Arpoador em direção ao mar. Ao me narrar a morte do filho no momento em que começávamos uma relação de confiança, Leonor utilizava a palavra “cair”, mas ela sempre deixava no ar a possibilidade de ele ter sido empurrado por sua cunhada ou por seu irmão.

Glauber desapareceu no mar. Seu corpo em decomposição foi encontrado na praia da cidade vizinha, Niterói, vinte dias depois, e foi reconhecido pela mãe. Como Leonor poderia habitar o mesmo local depois da morte de Glauber? Como conviver com os parentes que Leonor mantinha como suspeitos de matar seu filho mais velho? Estamos diante de uma conflituosa “relação entre irmãos reconhecidos como coerdeiros”.³⁸ Como afirma Lambek, a relação entre irmãos é central para compreendermos o

³⁸ Por questões de espaço, não tenho como elaborar o diálogo entre Leonor e Asha, mas deixo a indicação do paralelo possível a ser feito com a descrição de Veena Das sobre as relações de família e herança em que Asha se insere. Ao se mudar da casa dos pais para a casa do irmão e sua família, Asha tinha pavor de se transformar em um fardo para a família do irmão: “mas uma irmã carente e desamparada que foi obrigada a deixar seu lar afim de encontrar o seu lar na casa do irmão torna-se objeto de desconfiança, especialmente por parte da esposa do irmão que suspeita que ela possa usar sua posição de filha amada para usurpar uma parte do patrimônio do irmão”. DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b, p. 103. Ao compararmos Asha e Leonor, vemos concepções sobre a herança material e familiar da casa e o lugar da cunhada nesta trama de forma ao mesmo tempo próxima e distinta, que pretendo desenvolver em outro momento.

parentesco.³⁹ Aqui, os conflitos entre irmãos se embebem na sombra de duas mortes e da herança de uma casa. As brigas pela herança da casa se inscrevem no *continuum* de traições familiares e dão os contornos para que Leonor suspeite de que seu irmão e cunhada mataram seu filho. “Casa” é um elemento central na vida social e nas configurações do parentesco.⁴⁰ A batalha pela casa e a rivalidade entre irmãos instaurou uma tensão mortífera entre os que se consideravam os herdeiros legítimos do pai morto.

Os venenos da morte prematura

*O que é necessário para que a vida seja renovada
quando a experiência corrói a possibilidade do comum?*

Veena Das

Dia após dia, fui me fazendo presente nas pequenas rotinas e ritmos do cotidiano de Leonor. Durante anos, eu visitei sua casa com regularidade e falava com ela quase que diariamente, pelo telefone. Estive com ela em aniversários, restaurantes e visitei as casas de suas amigas, filhos e também “a casa” onde viviam Cleber e sua família. Eu acompanhei Leonor nas vezes em que ela ou sua mãe foram internadas em hospitais ou foram consultar profissionais de saúde. Estive em assembleias na ocupação onde ela vivia e participei com ela de reuniões em diferentes órgãos públicos para reivindicar soluções para os problemas da moradia.

³⁹ LAMBEK, Michel. Kinship as gift and theft: acts of succession in Mayotte and Ancient Israel, *American Ethnologist*, v. 38, n. 1, pp. 2-16, 2011.

⁴⁰ CARSTEN, Janet. House-lives as ethnography/biography, *Social Anthropology*, v. 26, pp. 103-116, 2018. No belo texto de Eugenia Motta, a autora faz uma reflexão sobre como a morte do filho de Maria, sua interlocutora de muitos anos, transformou as percepções da mãe sobre a casa, configurando os significados de casa boa e a casa ruim. Em seu trabalho de descrição e acompanhamento da dor de Maria, Motta nos mostra também sua delicada implicação no cotidiano de Maria para assegurar uma “morte boa” àquela que, com o passar dos anos, tornou-se sua amiga. No processo de descrição, nos mostra como Maria remete a doença incurável presente em seu corpo à morte de seu filho. MOTTA, Eugênia. Uma casa boa, uma casa ruim e a morte no cotidiano, *Etnográfica*, v. 24, n. 3, pp. 775-795, 2020.

Aberta ao exercício de “paciência crítica” proposto por Veena Das, eu voltei minha atenção para os momentos em que a morte de seu filho mais velho surgia na vida diária. Esperar e ouvir os fragmentos dessa experiência nos momentos em que Leonor a evocava e da forma como ela escolhia me narrar – em vez de fazer a pergunta direta “o que aconteceu?” e me contentar com uma única resposta – fez com que essa morte habitasse nossa relação, tecendo os laços de confiança. Aos poucos, fui deixando de ser a militante, universitária, de classe média e – por que não? – laica, e passava a ser a amiga e confidente de Leonor. Como amiga, as experiências religiosas e espirituais surgiam, e a morte do filho adquiria outros contornos. Nesse movimento, compreendi que as histórias de ressentimentos, dores e sofrimentos têm estéticas próprias quando compartilhadas. Com a decisão de ficar, de não ir embora da vida de Leonor, fui acolhendo suas histórias e absorvendo a profundidade de sua dor. Foram várias as vezes em que Leonor me narrou a morte do filho. Em uma das vezes em que visitei sua casa, cerca de dois anos após a narrativa anterior, Leonor me narrou a morte de Glauber de forma bastante diferente das que apresentei acima. É essa renarração da morte do filho o que apresento agora.

Leonor me disse que, após garantir o enterro de Glauber, entrou “em um estado de depressão profunda, eu fiquei um ano em depressão, não conseguia agir, nem fazer nada”. Quando consegui se levantar da cama, a primeira ação de Leonor foi se mudar do bairro em que vivia para a ocupação popular onde a conheci. “Quando um filho morre, seus projetos de vida têm que ser reformulados”.⁴¹ Embora a morte do filho desmoronasse o presente, a morte não poderia colapsar o futuro. Foi preciso “absorver os resíduos, os venenos das mortes prematuras de uma forma que [pudesse] proteger as gerações futuras”.⁴² A esperança de um futuro possível é central para tonar a vida habitável. Tecer um cotidiano habitável para si e para os outros forjou uma ética, não como vocabulário estéril ou abstrato, mas como prática concreta embebida por essa morte.

A morte prematura do filho fez com que Leonor recriasse as relações com os vivos, mas também com os mortos, espíritos e entidades religiosas.

⁴¹ DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, p. 110, 2020b.

⁴² *Ibidem*, p. 79.

Crente, frequentadora da Igreja Batista, Leonor foi vendo seus filhos vivos entrarem em *caminhos errados e correrem perigo*. Para proteger Silvio, Vitor e sua única filha mulher, Layla, Leonor deixou de frequentar a Igreja Batista e passou a visitar os terreiros de umbanda e candomblé. As entidades Maria Mulamba e Cigana, que, em outros momentos da vida de Leonor, haviam-na protegido, voltavam a visitar sua casa e a trabalhar na proteção de seus filhos.⁴³ Na busca pela proteção, Leonor entendeu que Glauber morreu devido à sua *cegueira* frente aos *trabalhos espirituais* que estavam sendo feitos contra ela, passando a se responsabilizar também por essa morte. Convido os leitores a entrarmos em uma questão cara à Veena Das: “como a morte ruim é representada?”.⁴⁴

Em um dos terreiros de umbanda que Leonor visitou para *desfazer os trabalhos espirituais* direcionados a ela, a entidade Exu Caveira lhe disse que *alguém* lhe ofereceu um banquete para que ele *levasse* o filho dela. Sem se conformar com o que acabara de ouvir, Leonor queria saber quem especificamente tinha feito os trabalhos para matar Glauber. Exu Caveira respondeu aos questionamentos de Leonor, afirmando que a traição havia sido de seu irmão. Contou-me Leonor que, a princípio, ela desconfiou da narrativa de Exu Caveira, o que não impediu que essa história habitasse seus pensamentos. Em uma nova ida ao terreiro, Leonor conversou com outra entidade, o Zé Pelintra, e este foi categórico em afirmar que Cleber havia oferecido um banquete para que Exu Caveira levasse Glauber. Mas Leonor não estava convencida e insistia em confirmar a veracidade dessas palavras. Por isso, ela consultou os búzios com uma mãe de santo, e estes lhe confirmaram o que Exu e Zé Pelintra lhe diziam.

Em um dado momento, Leonor quis voltar à casa onde viviam Cleber e dona Carmem para buscar os pertences que haviam ficado após a mudança repentina, mas também para vigiar o que acontecia. Layla a acompanhou. Para evitar qualquer conflito com Cleber, Leonor e Layla decidiram chegar às casinhas localizadas ao fundo pelo corredor lateral

⁴³ PIEROBON, Camila. *Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate*. Tese de doutorado, PPCIS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

⁴⁴ DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b, p. 83.

externo. Para a surpresa de Leonor, seu irmão lavava roupas no quintal e cantava: “lêra, lêra, salve o Exu Caveira, salve a mosca varejeira”. Leonor me disse que, quando ouviu o irmão cantando para Exu, ela duvidou, achando que poderia ser *coisa da cabeça* dela. Mas, quando Layla respondeu ao questionamento da mãe, dizendo que também ouvia o tio cantar, Leonor entendeu que o responsável pela morte de seu filho era, realmente, seu irmão: “está confirmado!”.

Durante os anos em que frequentei a casa de Leonor, Cleber era uma figura presente, seja nas vezes em que ele visitava a mãe ou quando levava algum dinheiro para o sustento de dona Carmem, seja como espectro de alguém que deveria ajudar a cuidar da mãe, mas desaparece nas horas mais difíceis. Em uma das conversas, eu perguntei a Leonor se ela havia conversado com seu irmão sobre os trabalhos espirituais que levaram Glauber. Sua resposta foi: “não!”. Ela nunca conversou com Glauber ou com qualquer outro parente sobre isso. Para Leonor, essa conversa era desnecessária, não apenas porque os santos não a estariam enganando, mas porque as traições eram uma marca de sua família e estavam dentro do campo do possível. Seu pai manteve relações sexuais com sua irmã mais velha, que gerou uma criança; essa mesma irmã se relacionou com o marido de Leonor, quando ela estava grávida justamente de Glauber; Cleber agredia dona Carmem, e o filho havia apontado uma arma para a mãe. É nesse *continuum* de traições familiares e tantas outras que a morte de seu filho se insere. Há um contexto a ser compreendido que absorve e ultrapassa os conflitos pela herança da casa e faz com que Leonor acuse seu irmão de ter *mandado matar* seu filho. Embora a morte do filho como acusação não possa ser enunciada e compartilhada diretamente com a família, ela habita a relação de Leonor com a mãe, irmãos, sobrinhos e filhos e também a amizade que ela estabelece comigo.

Mas sei a diferença na estética do parentesco, nesse tipo de mundo entre confiar suas palavras ao cuidado dos outros concretos com os quais você compartilhou esse *tipo* de passado, esse *tipo* de risos, esses *tipos* de lágrimas, e liberá-los para um público que pode mutilar suas palavras ao tratar os temas como se eles fossem qualquer outro objeto no mundo.⁴⁵

⁴⁵ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, grifos da autora, 2018, p. 544.

Com essa passagem de Veena Das, gostaria de refletir sobre a importância de compreendermos as escolhas estéticas de Leonor ao me narrar a morte de seu filho em diferentes momentos de nossa relação de amizade. Depois de lermos as narrações sobre a morte prematura de Glauber, proponho que não as analisemos como diferentes versões de uma mesma história que, juntas, chegariam a uma coesa e verdadeira história final. Apoiada nos trabalhos de Das, penso que o labor da memória é um processo contínuo que se embebe na intimidade das relações. Confiar ao outro palavras que carregam dor depende de um processo gradual de confiança com esse outro com quem se acumulou risos e lágrimas. Ao percorrer suas memórias de infância para compreender como a Guerra da Coreia se infiltra no cotidiano e na intimidade da relação de família, Clara Han nos narra que não há uma história coerente que fixe e organize o sentido da experiência da guerra na família. Com a autora, entendo que as memórias são sempre “revividas, reformuladas em seu recontar, e em sua mudança de tom e de intensidade nos fluxos de nossas vidas”⁴⁶. Aqui entendo a importância do “trabalho do tempo” também como fazer etnográfico.

Morte boa e morte ruim: um lar para o filho morto

Michel Lambek afirma que a morte de alguém próximo a nós não é uma condição, mas um evento, não é simplesmente o fim de uma vida, mas uma ocorrência que marca a vida do outro.⁴⁷ Quando a morte acontece, ela permeia o curso da vida, deixando um antes e um depois, abrindo uma fenda nas relações sociais estabelecidas que serão mais ou menos recuperadas. O que acontece com os vivos após a experiência da morte? Como a morte repercute nas relações de família? Essas são questões que guiam o trabalho de Lambek em uma comunidade de falantes de Kibushy (malgaxe), na ilha de Mayotte, no Oceano Índico Ocidental. No texto, o

⁴⁶ HAN, Clara. *Seeing like a child: inheriting the Korean War*. New York: Fordham University Press, 2021, p. 61.

⁴⁷ LAMBEK, Michel. After death: event, narrative, feeling. In: ROBBEN, Antonius (Ed.). *A companion to anthropology of death*. Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 87-104, 2018, pp. 87-88.

autor faz uma discussão sobre parentesco ao comparar as narrativas informais dos familiares da pessoa morta com as narrativas encenadas em uma cerimônia funerária que ocorreu pouco tempo depois da morte. As reflexões de Lambek me possibilitaram pensar sobre o trabalho da memória e da renarração da morte do pai e do filho de Leonor. Se a morte é um evento que marca a vida do outro, importa, aqui, comparar como a morte e o luto pelo pai e pelo filho se inscrevem na vida de Leonor e nas relações que ela estabelece com os membros de sua família.

Veena Das afirma que os rituais públicos do luto servem para eximir os vivos da responsabilidade pela morte que ocorreu.⁴⁸ Ao buscar em minhas anotações as narrativas da morte do pai e do filho, noto que Leonor nunca compartilhou comigo os rituais de luto de Glauber. Em quase dez anos de relação, eu não sei quem estava no velório e como foi o enterro de seu filho. Eu nunca quis perguntar. A estética escolhida por Leonor para compartilhar comigo a morte de Glauber foi a da dor de procurá-lo por vinte dias e encontrar o corpo em decomposição, *com a cabeça cheia de camarões*. É diferente da forma como ela vive a morte do pai: a narração do velório continua a colocar tudo em seu lugar, o que inclui a dignidade de Leonor ao se recusar a cumprimentar a mulher com quem seu pai constituiu uma segunda família. Eu não sei em que circunstâncias o pai de Leonor morreu, não é necessário sabê-lo. As palavras de Leonor me dizem que a morte de seu pai se encerra com os rituais do luto, enquanto a morte do filho tem o caráter de inacabado. A morte do pai idoso é vivida como parte do curso da vida, enquanto a morte do filho jovem é vivida como ruptura, como a singularidade da vida que foi extinta de forma abrupta.

Em *Vida e palavras*, Veena Das reflete sobre as diferenças sociais da experiência de se viver uma boa morte ou uma morte ruim por meio do controle do lamento do luto de homens e mulheres. Em diálogo com as reflexões de Das, detenho-me, agora, nos sentidos da morte prematura do primogênito de Leonor. Penso que os sentidos da morte boa e ruim estão presentes nas narrações de Leonor sobre a perda de seu filho Glauber. A primeira vez que entrei em sua casa, a morte de Glauber foi lançada como um estilhaço que me imobilizou, um ataque e uma defesa direcionados a alguém que

⁴⁸ DAS, Veena. *Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b, p. 83.

ela desconhecia. No momento em que ela me narrou que Glauber “caiu” no mar, ela me mostrou essa morte como uma “morte boa”: pública, gritada, lamentada, chorada e compartilhada, mesmo com aqueles que ela acusa silenciosamente de serem os responsáveis pela morte de seu filho. Ao mesmo tempo, ela vive essa morte como uma “morte ruim”, embebida na certeza da traição familiar, entranhada em sua subjetividade, não compartilhada publicamente, mas presente nos silêncios e na intimidade das relações. Aqui, é a dimensão ritual e pública o que distingue a morte boa da morte ruim. E o que mantém a morte como ruim é a ausência de apoio dos parentes.⁴⁹ Morte pública e privada são formas distintas de agir sobre o mesmo evento. Mas a condição de Leonor é ainda mais delicada, ela habita a zona que existe entre essas duas mortes, e o trânsito entre elas não se faz de forma simples: “Quando a morte é vista como consequência da ação intencional dos outros, então, uma grande tensão se instala quanto à definição da situação que prevalecerá por meio do controle dos lamentos do luto.”⁵⁰

O exercício etnográfico a que me propus consiste em entender como a morte de Glauber habita o cotidiano de Leonor, como se inscreve no *continuum* das traições familiares e eleva essas traições ao nível do mortífero. Se a morte do filho tem o caráter de inacabado, o que faz com que essa morte permaneça nas texturas da vida? Parece-me que os deslizamentos entre a morte boa e a morte ruim, entre o acidente e a morte intencional, entre a dúvida e a certeza fazem com que essa morte esteja embebida na vida diária. Habitar a zona entre duas mortes garantiu a singularidade da vida de Glauber, ao mesmo tempo em que permitiu que Leonor reconstruísse os laços de parentesco. O silêncio de Leonor e o manejo de suas palavras mantêm e corroem as relações de família. A dúvida e o controle dos lamentos do luto fazem com que a morte de Glauber não se encerre e continue agindo no presente. Assim, habitar a zona entre duas mortes garantiu a reconstrução da vida, assegurou a passagem do filho e manteve o evento vivo no cotidiano. Viver no incessante deslizamento entre a morte boa e ruim tornou possível a reabilitação do mundo de Leonor, mesmo que a tecitura se faça com fios corroídos.

⁴⁹ DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b, p. 83.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 84.

A morte do primogênito colapsou a vida de Leonor como ela a concebia até o momento, tornando o presente insuportável e impossível de nele seguir. Leonor não conseguiu voltar a habitar o mesmo espaço. Ela saiu de sua casa, do bairro onde morava, para a ocupação onde a conheci. Ela também não conseguiu voltar a habitar a si mesma. Foi preciso um processo conversão religiosa que reconstruiu as relações com vivos e mortos. Mais do que a díade mãe-filho, a morte do filho de Leonor tem implicações que remetem às gerações passadas e presentes de sua família, mas também a espíritos e entidades religiosas. São múltiplos os outros que constituem essa experiência. E esses tantos outros habitam o presente de Leonor. Há um delicado trabalho de recriação de si, um balanço fino entre agência e paciência no registo da reconstrução. A morte do filho de Leonor define a qualidade afetiva do tempo presente. O trabalho incessante de domesticação, silenciamento e renarração faz com que a morte habite o cotidiano de Leonor. Entendo o narrar e renarrar não como repetição de uma mesma história, mas como forma de recontar sua vida para poder reconstruí-la mais uma vez. A experiência de Leonor nos mostra como a morte do outro pode ser absolutamente nossa.⁵¹

A vida como um todo: considerações finais

Peço ao leitor que retorne comigo ao momento crítico que abre o texto. Leonor voltou ao hospital logo pela manhã para substituir Cleber e ficar com dona Carmem. Ao encontrar a irmã, Cleber lhe disse que não achava necessário que alguém permanecesse com a mãe no período noturno. Leonor perguntou a ele se dona Carmem havia se descoberto durante a noite. A resposta foi sim. Ela argumentou, dizendo que, se a mãe estava com pneumonia, se a sala do hospital era gelada, se ela se descobria à noite e não havia enfermeiros o suficiente para todos, era óbvio que dona Carmem precisaria de alguém que cuidasse dela. Diante da resposta da irmã, Cleber enunciou que ele não voltaria ao hospital. Do hospital, eu recebi uma nova ligação de Leonor e prontamente me ofereci

⁵¹ DAS, Veena. *Affliction: health, disease, poverty*. New York: Fordham University Press, 2015b.

para substituí-la no período da tarde, cuidando de dona Carmem, para que ela pudesse descansar. Outras de suas amigas também ofereceram a mesma ajuda. Foi assim que Leonor administrou mais dois dias na enfermaria até que sua mãe fosse transferida para um quarto com cadeira. Nesse quarto, Leonor poderia levar um colchão, o que ela fez. Embora as condições fossem longe das ideais, ao menos ela poderia se deitar.⁵²

São muitas das histórias de sofrimentos, dores e ressentimento que fazem as texturas das relações de Leonor, mas que, na superfície, são marcadas pela civilidade, pela aderência aos ritmos e rotinas da vida diária.⁵³ Embora Leonor tenha perguntado aos irmãos ou filhos se eles têm humanidade, ela não afirmou para nenhum deles que eles não têm. Ao contrário, ela encarnou a humanidade, ao reunir todas as suas forças para enfrentar a situação, cuidar da mãe e não restaurar o conflito entre parentes que a machuca e a desgasta. Instaurar um conflito aberto com os familiares faz ecoar as memórias das relações que apresentei acima e muitas outras. É nesse sentido que as palavras de Leonor carregam “a vida como um todo”. São múltiplas as temporalidades que compõem o momento presente. E neste estão embebidas as mais diversas traições familiares em que a morte de seu filho Glauber se insere e é a experiência mais dolorosa. Não é à toa que a estética usada por Leonor para expressar sua dor é a da *bomba* que *explode* e *detona*, não para fazer um espetáculo para o exterior, mas, sim *por dentro*, de forma silenciosa e, muitas vezes, solitária. Há uma ética nas escolhas das palavras, dos gestos e do que fica em silêncio, que nos mostra a força do refazimento da vida de Leonor, mas também da dureza do lugar que as mulheres ocupam nas relações de família.

Quais as volatilidades, as dúvidas e as incertezas que ficam logo abaixo da superfície do hábito? “Se a vida cotidiana não pode se mostrar

⁵² PIEROBON, Camila. *Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate*. Tese de doutorado, PPCIS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

⁵³ DAS, Veena. What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four lectures on ethics: anthropological perspectives*. Chicago: HAU Books, pp. 53-125, 2015b.

diretamente, como podemos enfrentá-la?”.⁵⁴ Ao longo de seus trabalhos, Veena Das vem refletindo sobre o que é o cotidiano e o que significa capturá-lo. Na perspectiva de Das, o cotidiano não é uma mera repetição de hábitos automatizados. A vida cotidiana é elusiva, vaga, imprecisa e difícil de se conceitualizar. A etnografia, assim, consiste em capturar os momentos que nos permitem ver a força que a vida diária carrega. Nada é em termos abstratos! Como Veena Das afirma, a noção de ordinário é difícil porque muitas narrativas focam no que perturba a vida e nos grandes conflitos que as rodeiam.⁵⁵ A questão aqui é que esses grandes acontecimentos estão presentes no mais ordinário dos objetos e eventos. Olhar para os momentos aparentemente simples da vida diária, mas que, logo abaixo da superfície, carregam eventos devastadores, mostra-nos a força dos pequenos acontecimentos e como minúsculos gestos podem conter a vida como um todo.

Mas, se a vida diária tem a textura da incerteza que influencia não apenas nossa relação com o mundo, mas também como autoconhecimento, como a antropologia cria seus conceitos e como nosso modo de viver com os outros afeta a maneira como tornamos nosso trabalho de campo conhecível?⁵⁶

Trago essa questão de Veena Das não para que eu possa resolvê-la, pois isso me é impossível, mas para refletirmos sobre as escolhas éticas e estéticas das pessoas para tornarem suas vidas conhecidas. E, também, para as éticas e estéticas que escolhemos ao apresentar essas dores a um público mais amplo. Minha tentativa foi escolher palavras que impossibilitem que esse público, que significa você, que está lendo este texto, mute as palavras de Leonor e as trate como qualquer outro objeto no mundo. Tentei estabelecer uma comunicação entre Leonor e Veena Das, entre mim e você, leitor, de forma a compartilhar experiências que ouvi e li, não apenas para relatar e descrever, mas para que possamos

⁵⁴ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018, p. 538.

⁵⁵ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020a.

⁵⁶ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018, p. 547.

efetivamente aprender e sentir com as pessoas e suas dores. O que quis fazer neste texto foi localizar os significados de um evento em termos de sua inscrição no cotidiano e as condições de amizade sob as quais foi possível falar, ouvir e escrever.

Fecho minhas reflexões com uma conversa que tive por telefone com Leonor, no momento em que encerrava a escrita deste texto, em abril de 2021. Leonor estava trocando de apartamento e não conseguia se desfazer de alguns sacos cheios de retalhos. Na conversa, sugeri que ela aproveitasse o momento da mudança e jogasse fora tudo que ela não usava havia mais de um ano. Leonor me respondeu que não conseguia. Ela me disse que, depois que Glauber morreu, ela se tornou uma *acumuladora*, não de objetos como geladeiras ou panelas, mas de sacos e mais sacos de retalhos que nunca terão uso. Ela também me narrou que luta, mas não consegue se desfazer dos milhares de panos recortados e que esses insignificantes pedaços de pano remetem a seu filho Glauber. Foi a primeira vez que ouvi essa narrativa em quase dez anos de relação.

Espero, com as palavras escolhidas para este texto, ter chegado a uma certa “imagem do que é pensar sobre as texturas da vida e as desordens do parentesco e da intimidade”.⁵⁷ O que torna a vida difícil de suportar não é o evento vivido exatamente no momento em que ela ocorre, mas as relações passadas que ele evoca. O presente fica muito mais complicado quando compreendemos que forças passadas que estão atuando nele. Termino o texto com Veena Das, quando ela afirma: “encontrar uma cura para estar no mundo não é o problema, talvez, suportar esta condição seja”.⁵⁸

Referências Bibliográficas

BIEHL, João. *Vita: life in a zone of social abandonment*. Berkeley: University of California Press, 2005.

⁵⁷ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018, p. 547.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 548.

BIRMAN, Patrícia; FERNANDES, Adriana; PIEROBON, Camila. Um emaranhado de casos: tráfico de drogas, estado e precariedade em moradias populares, *Mana*, v. 20, n. 3, pp. 431-460, 2014.

BIRMAN, Patrícia; PIEROBON, Camila. Viver sem guerra? Poderes locais e relações de gênero no cotidiano popular, *Revista De Antropologia*, v. 64, n. 2, e186647, 2021.

BLANC, Nathalie; LAUGIER, Sandra; MOLINIER, Pascale. O preço do invisível: As mulheres na pandemia, *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social (Sessão: Reflexões na Pandemia)*, pp. 1-13, 2020.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco, *R@U: Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 6, n. 2, pp. 103-118, 2014.

CARSTEN, Janet. House-lives as ethnography/biography, *Social Anthropology*, v. 26, pp. 103-116, 2018.

DAS, Veena. *Affliction: health, disease, poverty*. New York: Fordham University Press, 2015a.

DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537–549, 2018.

DAS, Veena. Ordinary Ethics. In: FASSIN, Didier (Ed.). *A Companion to Moral Anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 133-149, 2012.

DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020a.

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020b.

DAS, Veena. What does ordinary ethics look like? In: LAMBEK, Michael; DAS, Veena; FASSIN, Didier; KEANE, Webb. *Four lectures on ethics: anthropological perspectives*. Chicago: HAU Books, pp. 53-125, 2015b.

DAS, Veena; LEONARD, Lori. Kinship, memory, and time in the lives of HIV/AIDS patients in a North American city. In: CARSTEN, Janet (Ed.). *Ghosts of memories: essays on remembrance and relatedness*, Malden: Blackwell Publishing, 2007.

DAS, Veena; PATHAL, Dev. *Conversation with Veena Das: ordinary and beyond*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SpgzgJdSHeE>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

FERNANDES, Adriana. *Escuta ocupação: uma etnografia*. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

FERNANDES, Camila. *Figuras da causação: sexualidade feminina, reprodução e acusações no discurso popular e nas políticas de Estado*. Tese de doutorado, Programa PPGAS/Museu Nacional, 2017.

FERREIRA, Mariana. *Ensaio da Compaixão: sofrimento, engajamento e cuidado nas margens da cidade*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2015.

FONSECA, Claudia; FIETZ, Helena. Collectives of care in the relations surrounding people with “head troubles”: family community and gender in a working-class neighbourhood of southern Brazil, *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 1, pp. 223-243, 2018.

HAN, Clara. Echoes of a death: violence, endurance, and the experiences of loss. In: DAS, Veena; HAN, Clara. *Living and dying in the contemporary world: a compendium*. Oakland: University of California Press, pp. 493-509, 2015a.

HAN, Clara. *Life in debt: times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of California Press, 2012.

HAN, Clara. On Feelings and Finiteness in Everyday Life. In: CHATTERJI, Roma (Ed.), *Wording the world: Veena Das and scenes of inheritance*, New York: Fordham University Press, pp. 191-210, 2015b.

HAN, Clara. *Seeing like a child: inheriting the Korean War*. New York: Fordham University Press, 2021.

KLEINMAN, Arthur. Care: in search of a health agenda, *The Lancet*, v. 386, pp. 240-241, 2015.

LAMBEK, Michel. After death: event, narrative, feeling. In: ROBBEN, Antonius (Ed.). *A companion to anthropology of death*. Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 87-104, 2018.

LAMBEK, Michel. Kinship as gift and theft: acts of succession in Mayotte and Ancient Israel, *American Ethnologist*, v. 38, n. 1, pp. 2-16, 2011.

LAUGIER, Sandra. The ethics of care as a politics of the ordinary, *New Literary History*, v. 46, p. 217-240, 2015.

MOTTA, Eugênia. Uma casa boa, uma casa ruim e a morte no cotidiano, *Etnográfica*, v. 24, n. 3, pp. 775-795, 2020.

PIEROBON, Camila. Fazer a água circular: tempo e rotina na batalha pela habitação, *Mana*, v. 27, n. 2, e272203, 2021.

PIEROBON, Camila. O duplo fazer dos corpos: envelhecimento, adoecimento e cuidado na vida cotidiana de uma família, *Cadernos Pagu*, v. 64, e226401, 2022.

PIEROBON, Camila. Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate. Tese de doutorado, PPCIS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

WOODWARD, Kethleen. A public secret: assisted living, caregivers, globalization, *International Journal of Ageing and Later Life*, v. 7, n. 2, pp. 17-51, 2012.